

ALDO CALVET

TEATRO

CRÍTICAS DE ALDO CALVET QUE SERÃO :

PUBLICADAS NO FOLHETIM

[CALVET, Aldo]. Perdoa-me por me traíres, no Municipal (5).

André Barsaq, estudando as leis cênicas, após ligeiro exame da herança tradicional dos italianos dos séculos XVI e XVII, sem perder de vista os diferentes princípios de arquitetura adotados pela cena grega, elisabetana e pela commedia dell'arte, conta-nos interessante experiência pessoal sobre o fenômeno do mistério teatral tomando por testemunhas seus companheiros Jean Dasté e Maurice Jacquemont. Antes, toma por base a máxima atribuída a Lope de Rueda, segundo a qual o “mundo da ficção chamado teatro só é possível acontecer em “um cavalete, quatro tábuas, dois atores, uma paixão”. A ideia do plano superior para o ator surge com a simples indicação do cavalete. Pondo de parte a questão da visibilidade, sugere o ensaísta a necessidade de se criar uma “zona de respeito”, acreditando imprescindível à realização esse relevo. Confessa Barsaq que só com uma cortina separando o ator do espectador pôde encontrar “o mundo do mistério teatral”.

Léo Jusi, como vemos, colocou o “intérprete autêntico” de Nelson Rodrigues dentro do espaço cênico tradicional. Precisamos, por conseguinte, analisar apenas em que condições fora trabalhado o seu “intérprete-autêntico”. Cremos se deve considerá-lo não o títere de Gordon Craig, mas um novo espécime deste, isto é, um “sub-títere” que, sem as mínimas qualidades histriônicas se submete às exemplificações do diretor, passiva e subservientemente, tanto sejam as exigências dos caracteres das personagens, por estranhas ao meio social e por pouco comuns à face da psicologia dinâmica. Na realidade, as personagens de Perdoa-me por me traíres, sem exceção, vêm de um mundo de sentimentos primitivos, são portadoras de paixões incontroláveis, irreprimíveis, de desejos e ímpetos sem censura, pois assim nascem na criação pura e isenta de freios e preconceitos do poeta trágico, chegando ao palco para a expurgação com toda a força, com todo o vigor das suas misérias íntimas, das suas falhas morais, das suas volúpias desenfreadas. Diremos, então que o “intérprete-autêntico” precisa de uma adaptação a esta realística específica concebida por Nelson Rodrigues e posta em prática por Léo Jusi, sem similar na dramaturgia contemporânea. A teoria, por fascinante e revolucionária, aconselha novas tentativas e experiências. Nelson Rodrigues e Léo Jusi devem ter encontrado, certamente, sérias dificuldades nesta primeira arrancada. Apesar disto, reconhecemos, porém, que o passo inicial foi dado com êxito animador. De como entendemos o “intérprete-autêntico” falaremos em outro comentário.

Provada a existência da “personagem-autêntica” - Nair, Glorinha, Pola Negri, Madame Luba, Dr. Jubileu de Almeida, Médico, Raul, Gilberto, Judith, Odete etc; verídicos os neuróticos e neuroses, reconhecidos os caracteres teratológicos; válidos os problemas sociais em consequência inclusive da crise econômica que provoca a desintegração moral da sociedade, resta apenas afirmar com decidida coragem que Perdoa-me por me traíres, como tragédia de costumes, reflete fielmente as mais íntimas e abjetas ocorrências de um mundo social em marcha acelerada para a dissolução total. Quem poderá negar que vivemos atualmente um estado de decadência moral de pleno fim de civilização? Que pretende Nelson Rodrigues senão dar o grito de alerta numa exposição realista de verdades sem sofismas, por violentas, cruéis e chocantes que pareçam? E isto só não basta como prova de honestidade artística? Nelson Rodrigues não deforma as criaturas humanas, porque essas criaturas existem, sofrem e lutam no desajustamento da sociedade contemporânea; o dramaturgo serve-se tão só das deformações e anomalias, na esperança desesperada de resguardar as reservas morais da atração abismal a que todos estamos expostos como parcelas indefesas do meio ambiente. Com a constante do impacto emocional, deseja ele como reação da platéia o pavor dos desregramentos, o horror aos vícios, o temor às seduções, o controle da conduta, o comportamento, o respeito mútuo dos laços conjugais, e tudo isso só é possível quando se mostram os perigos ao vivo, sem artificialismos e tapeações, sem embustes e sofismas. Por estranho que pareça aos olhos dos nativos ingênuos e aos sentimentos dos insipientes formalísticos, Perdoa-me por me traíres é uma obra dramática de conteúdo construtivo pelo alto conceito moralista em que se baseia e inspira. O escândalo diante do triste fim de Nair na mesa de operação e do também melancólico que espera Glorinha, é menos pela intervenção cirúrgica e mais pelo que se poderia ter evitado, desde que se cerrasse campanha contra a corrupção das casas de tolerância do tipo da de Madame Luba. Na exemplificação deste episódio, tiraremos em conclusão os demais. Aí está a grande e inequívoca mensagem de Perdoa-me por me traíres, mensagem que não nos humilha, já que, capacitados a compreendê-la, somente devemos ter motivos para admirá-la e aplaudi-la

.....

André Barsaq, estudando as leis cênicas, após ligeiro exame da herança tradicional dos italianos dos séculos XVI e XVII, sem perder de vista os diferentes princípios de arquitetura adotados pela cena grega, elisabetana e pela commedia dell'arte, conta-nos interessante experiência pessoal sobre o fenômeno do mistério teatral tomando por testemunhas seus companheiros Jean Dasté e Maurice Jacquemont. Antes, toma por base a máxima atribuída a Lope de Rueda, segundo a qual o “mundo da ficção chamado teatro só é possível acontecer em “um cavalete, quatro tábuas, dois atores, uma paixão”. A ideia do plano superior para o ator

surge com a simples indicação do cavalete. Pondo de parte a questão da visibilidade, sugere o ensaísta a necessidade de se criar uma “zona de respeito”, acreditando imprescindível à realização esse relevo. Confessa Barsaq que só com uma cortina separando o ator do espectador pôde encontrar “o mundo do mistério teatral”.

Léo Jusi, como vemos, colocou o “intérprete autêntico” de Nelson Rodrigues dentro do espaço cênico tradicional. Precisamos, por conseguinte, analisar apenas em que condições fora trabalhado o seu “intérprete-autêntico”. Cremos se deve considerá-lo não o títere de Gordon Craig, mas um novo espécime deste, isto é, um “sub-títere” que, sem as mínimas qualidades histriônicas se submete às exemplificações do diretor, passiva e subservientemente, tanto sejam as exigências dos caracteres das personagens, por estranhas ao meio social e por pouco comuns à face da psicologia dinâmica. Na realidade, as personagens de Perdoa-me por me traíres, sem exceção, vêm de um mundo de sentimentos primitivos, são portadoras de paixões incontrolláveis, irreprimíveis, de desejos e ímpetos sem censura, pois assim nascem na criação pura e isenta de freios e preconceitos do poeta trágico, chegando ao palco para a expurgação com toda a força, com todo o vigor das suas misérias íntimas, das suas falhas morais, das suas volúpias desenfreadas. Diremos, então que o “intérprete-autêntico” precisa de uma adaptação a esta realística específica concebida por Nelson Rodrigues e posta em prática por Léo Jusi, sem similar na dramaturgia contemporânea. A teoria, por fascinante e revolucionária, aconselha novas tentativas e experiências. Nelson Rodrigues e Léo Jusi devem ter encontrado, certamente, sérias dificuldades nesta primeira arrancada. Apesar disto, reconhecemos, porém, que o passo inicial foi dado com êxito animador. De como entendemos o “intérprete-autêntico” falaremos em outro comentário.

.....